

A LÓGICA E A ENCENAÇÃO NARRATIVA EM *TODOS OS NOMES*, DE JOSÉ SARAMAGO

Ana Caroline de Carvalho Paiva (UFPI)
acpaiva12@outlook.com

Resumo: Este artigo é um recorte da nossa pesquisa de Iniciação Científica vinculada ao curso de Letras da Universidade Federal do Piauí e tem como objetivo analisar o modo de organização do discurso narrativo na obra “Todos os nomes”, publicada em 1997 pelo escritor português José Saramago. O romance conta a história de um escriturário do principal cartório de registro da cidade que resolve arranjar uma distração para fugir da monotonia do seu trabalho, colecionando notícias de pessoas famosas. Trata-se de um trabalho de natureza qualitativa e interpretativa que tem como base teórica principal a Análise do Discurso Literário proposta por Dominique Maingueneau e a Análise do Discurso Semiolinguística de Patrick Charaudeau. A partir dos resultados obtidos, percebe-se que o romance, ao mostrar a vida do personagem Sr. José, apresenta como temas principais a solidão, a busca pelo desconhecido e a morte, a partir de um enfoque exógeno representado por um narrador impessoal de primeira instância. A lógica narrativa possui três componentes: actantes, processos e sequências que estão interligados entre si e seguem uma sucessão de ações construindo, assim, a trama da história. Segue uma cronologia contínua em progressão e tem-se a expansão como procedimento principal relacionado ao ritmo. A encenação narrativa é composta por quatro sujeitos: autor e leitor real como parceiros; narrador e leitor destinatário como protagonistas. Conclui-se que o desvelamento da lógica e da encenação narrativa da obra permitem uma compreensão mais abalizada da mesma.

Palavras-chave: Discurso, Literatura, *Todos os nomes*.

INTRODUÇÃO

Iniciada nos anos de 1960 na França, a Análise do Discurso (AD), é uma disciplina que busca não apenas a interpretação de textos, mas uma investigação mais profunda e detalhada sobre a produção de sentidos e sobre a ideologia presente neles. Leva-se em consideração o contexto sócio histórico e cultural no qual os sentidos se encontram. Ao envolver uma questão mais ampla que engloba o sujeito e suas posturas ideológicas a AD se torna um instrumental teórico eficaz para o estudo de discursos diversos, tais como o religioso, o político, o literário etc. É sobre este último que esta pesquisa se debruçou.

Nos discursos literários há uma linguagem mais complexa, visto que na literatura não há, de certa forma, uma objetividade e sim uma linguagem mais

subjetiva com multissignificações. Nesse tipo de análise busca-se compreender de que forma os sentidos são desvelados a partir do uso das ferramentas da Análise do Discurso e de que maneira deixam transparecer a não imparcialidade do sujeito/autor.

Sabendo-se que na análise literária há toda essa especificidade e particularidades, o presente trabalho teve como objetivo analisar o discurso literário do escritor português José Saramago presente na obra *Todos os nomes*, com base no modo de organização narrativo. Optamos por inserir os estudos sobre a Análise do Discurso Literário (ADL) na base teórica deste artigo, tendo em vista se tratar de um instrumental emergente e eficaz para desvelar tanto os aspectos literários quanto as características que tornam uma obra um ato de linguagem.

A Análise do discurso literário é uma disciplina que se utiliza de instrumentos discursivos próprios, capazes de ampliar as possibilidades de se estudar, analisar um texto literário. Assim, podemos, de forma mais clara, desvelar os sentidos presentes na obra, visto que, nas obras literárias há uma infinidade de ideologias. Procuramos com este trabalho identificar como se organiza a lógica e encenação narrativa na obra *Todos os nomes*.

Durante as pesquisas realizadas para nossa análise, encontramos muitos trabalhos que abordam a obra *Todos os nomes*. Destacamos aqui dois deles, que são: *O labirinto em Todos os nomes, de José Saramago*, de Santana e Cortez (2012) e *Literatura e política na ficção de José Saramago*, de Pereira e Lacerda (2008). O primeiro trabalho, apresenta uma análise focando nos espaços presentes em *Todos os nomes*. As autoras usam o termo “labirinto” para descrever os principais espaços que são a Conservatória Geral e o Cemitério. O segundo, analisa *Todos os nomes* juntamente com outras obras de Saramago focando no engajamento político do autor, visto que o mesmo deixa isso claro em grande parte de seus romances. Os trabalhos mencionados bem como a grande maioria dos que encontramos durante a pesquisa, são da área de literatura, demonstrando, assim, a necessidade de uma abordagem que leve em conta os aspectos linguísticos e discursivos da obra, empreitada esta que nos propusemos a realizar através desta pesquisa.

Algumas pesquisas como a de Assunção (2018), que trata do discurso literário na obra “Um manicaca”, do piauiense Abdias Neves; Queiroz (2019), que analisa o ethos do poeta britânico Lorde Byron em cartas a sua mãe, e Gomes (2020) que

aborda o humor e a morte na obra de José Saramago, dentre outras, nos inspiraram e nos apontaram o caminho para construir uma ponte entre a Linguística e a Literatura.

Entendemos que analisar uma obra no ponto de vista da ADL significa adentrar um amplo espaço de discursividade que leva em conta a produção de sentidos e a relação que se estabelece entre a linguagem e o meio no qual ela é produzida. Levando em conta essa perspectiva, pesquisadores diversos têm buscado explicitar os diferentes usos da linguagem para veicular “discursos”, ou seja, formas de engajamento consciente ou não, dotadas de uma força retórica passível de instaurar a adesão.

Nosso trabalho está dividido em três capítulos, o primeiro aborda a Análise do Discurso e a Semiologia, focando numa abordagem psicossocial da linguagem. No segundo capítulo tratamos da metodologia. Por fim, no terceiro capítulo, temos a análise da obra.

1 A ANÁLISE DO DISCURSO E A SEMIOLINGÜÍSTICA

Nascida a partir da tese de doutorado do linguista francês Patrick Charaudeau, a Teoria Semiológica (TS), estabelece uma relação entre os atos de linguagem e os fenômenos psicossociais. Para a essa teoria, a linguagem tem uma forte relação com o contexto social em que acontece. Sendo assim, o ato de linguagem é visto como resultado da relação emissor/receptor em um processo discursivo.

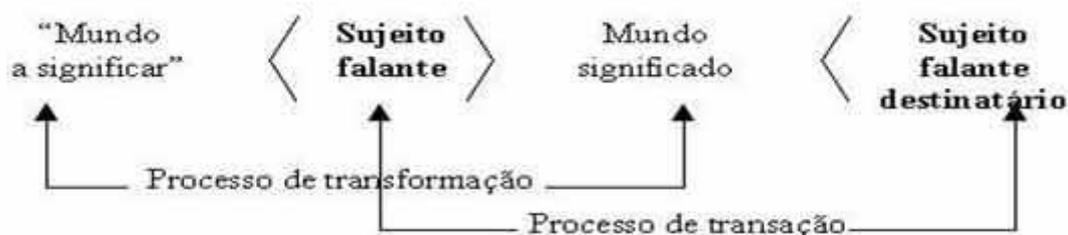
Uma teoria em especial chama a nossa atenção pelo fato de inserir o discurso em uma problemática comunicacional e pragmática, o que permite uma ênfase na questão dos sujeitos da linguagem e de suas intencionalidades, e tais intencionalidades não podem ser desconsideradas na análise de um determinado discurso, já que, para tal teoria, elas entram em jogo durante os processos de produção e interpretação do discurso. (CORREA-ROSADO, 2014, p. 2)

Esse instrumental teórico considera o fato de que a construção da significação se realiza através da relação forma/sentido que leva em consideração diferentes sistemas semiológicos, sendo a expressão de um sujeito intencional, influenciado por um meio social em determinado contexto. De acordo com Moura, Lopes, e Batista Júnior (2015, 2017), tal perspectiva teórica faz um elo entre a linguagem e os

fenômenos psicossociais, comportando-se de maneira interdisciplinar, contemplando, assim, conceitos próprios de disciplinas como a Psicologia Social, Sociologia, Antropologia e História.

Para a TS, a linguagem é o resultado da interação entre um emissor e um receptor dentro de um contexto social no qual há uma relação forma-sentido, como dito anteriormente. Interessa-se em estudar o fenômeno languageiro, ou seja, o resultado da junção do que é implícito (relação entre produção/interpretação das circunstâncias do discurso), com o que está explícito (forma semiótica na visão significativa do ato). Sendo assim, no ato de linguagem a significação é feita tanto pelo que está semiologicamente visível quanto pelo que está implicitado pelo sujeito durante o processo de produção de sentido.

Para que haja a construção de sentido é preciso que um sujeito munido de intencionalidades se aproprie da língua em formas e sentido enquadrando-se no discurso. O sentido constrói-se assim, através de um processo chamado de semiotização do mundo, processo este que é realizado através de dois outros processos chamados, o processo de transformação e o processo de transação. No processo de transformação tem-se o mundo referencial, ou seja, a transformação do “mundo a significar” em um “mundo significado”. Já no processo de transação um sujeito falante enunciativo e um sujeito destinatário usam o “mundo significado” como papel de troca no ato de comunicação.



Fonte: Charaudeau (2005, p.27).

Dentro dessa teoria, o sujeito serve não apenas para informar o outro, mas, também, envolve-se no discurso. Para tanto, é preciso que haja não apenas um, mas pelo menos dois parceiros em uma relação de reciprocidade na qual há conhecimento um do outro, possibilitando, assim, a interação no ato da linguagem dentro do chamado contrato de comunicação.

Para melhor explicitar o ato de linguagem e o contrato de comunicação, Charaudeau (2009), propõe um quadro comunicacional no qual estão inseridos os sujeitos principais de fala envolvidos em uma situação comunicacional. O sujeito comunicante (EUc - ser social) dá a voz a um sujeito enunciador (EUe), sendo este um ser de fala que transmite seu dizer a um destinatário (TUd). Cabe ao sujeito interpretante (TUi) a interpretação final e real, que pode ser favorável ou contrária ao propósito do sujeito comunicante. Assim:

O sujeito comunicante é o responsável pelo engendramento do ato e também pelo processo de produção, isto é, ele é um sujeito agente que se institui como o locutor e articulador da palavra, testemunha, portanto, de um determinado real. Através do processo de produção, ele projeta dois outros indivíduos, o EUe, que põe em cena as suas intenções, além de representar um papel linguageiro, e o TUd, que representa uma imagem fabricada e totalmente dominada por ele, que é colocada como uma representação do TUi, sem, no entanto, ser esse sujeito. (CORRÊA-ROSADO, 2014, p. 10).

Para a identificação dos sujeitos, é preciso que ambos se encontrem inscritos e empenhados em uma troca linguageira na qual há as seguintes perguntas: “*quem fala com quem?*”, “*quem troca com quem?*”, “*quem se dirige a quem?*” variando-se de acordo com os traços de natureza social e os traços de status social.

A TS possui ainda outros importantes postulados, dentre eles, os modos de organização do discurso (narrativo, descritivo, argumentativo e enunciativo) e os imaginários sociodiscursivos. Considerando-se o recorte feito neste artigo, abordaremos, a seguir o modo de organização narrativo.

1.1 O modo de organização narrativo

O sujeito comunicante, diante das restrições estabelecidas pelo contrato comunicacional, utiliza, para a consumação de seu projeto de fala, categorias de língua ordenadas em Modos de Organização do Discurso. Segundo Charaudeau (2009), os *modos de organização do discurso* constituem-se como princípios de organização da matéria linguística que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante. São procedimentos de ordem linguageira que consistem no uso de certas categorias de língua, ordenando-as em função das finalidades discursivas do

ato de linguagem, sendo agrupados em quatro modos: *enunciativo*, *descritivo*, *narrativo* e *argumentativo*.

Considerando-se que o corpus do nosso trabalho é constituído por uma obra literária, cujo modo de organização, apesar de possuir uma dimensão argumentativa, não possui uma estratégia de persuasão programada (ver Amossy, 2016), deixamos de lado o modo argumentativo e nos concentraremos nos três outros modos. Para efeito deste artigo, nos deteremos no modo de organização narrativo.

O modo de organização narrativo define-se não apenas pelo fato de contar histórias ou narrar um fato. Para haver narrativa é preciso haver um escritor, um narrador carregado de intenções, ou seja, o fato narrado precisa ter um objetivo, uma intenção:

Para que haja narrativa, é necessário um “contador”, (que se poderá chamar de narrador, escritor, testemunha, etc.), investido de uma intencionalidade, isto é, de querer transmitir alguma coisa (uma certa representação da experiência do mundo) a alguém, um destinatário (que se poderá chamar de leitor, ouvinte, espectador, etc.), e isso, de uma certa maneira, reunindo tudo aquilo que dará um sentido particular a sua narrativa. Evidentemente, não estão excluídas dessa intencionalidade todas as significações não conscientes das quais o contador poderia ser o portador involuntário. (CHARAUDEAU, 2009, p. 153).

O modo de organização narrativo tem a função de “contar” utilizando-se de procedimentos de descrição e narração que sempre estão presentes dentro das histórias contadas. Esse modo serve para mostrar como as situações se transformam e se desenrolam no decorrer da narrativa. Nele existem dois sujeitos: aquele que narra e aquele que descreve. A organização da lógica narrativa se constrói dentro da história, através de procedimentos específicos.

Ela constitui-se de três componentes: os actantes, os processos e as sequências. Os actantes executam papéis que estão diretamente ligados à ação dentro das categorias de discurso. Nos papéis narrativos os actantes relacionam-se linguisticamente à ação, independente da intenção. Vale ressaltar que os actantes não se igualam aos personagens sempre. Segundo Charaudeau (2009), é preciso manter a distinção entre actante e personagem o que corresponde à distinção entre *forma não qualificada* e *forma qualificada*, potencializando o jogo de correspondências entre um e outro.

Na hierarquização, os actantes não se relacionam entre si, originando as funções narrativas principais e as funções narrativas secundárias. A primeira relaciona-se à ação lógica de causa/consequência dentro da trama, enquanto que a última, refere-se às grandes articulações existentes dentro da trama. O modo de organização narrativo é dividido em quatro princípios: o princípio da coerência, da intencionalidade, do encadeamento e da localização. De acordo com Charaudeau (2009), no princípio da coerência, as ações não são arbitrárias, sendo necessário delimitá-las no seu princípio e fim. Algumas ações desempenham papéis narrativos de abertura e outras de fechamento. Na função de abertura, a ação não possui antecedente para exercê-la.

Na função de fechamento a ação não possui consequência e encadeia-se num processo que pode ter resultado positivo ou negativo. Essas funções de abertura/fechamento servem para organizar as ações de maneira sequencial, de modo que uma esteja na função de abertura e outra na de fechamento. No princípio da intencionalidade, as ações devem ser motivadas, fazendo com que haja, assim, um sentido. A motivação é feita por um sujeito movido de um pensamento tentando ordená-lo e conduzi-lo de maneira correta. Nesse princípio, a ação do sujeito não é profundamente clara, nem movida de perfeição, podendo ser simplesmente um desejo involuntário, algo que o mova.

No princípio do *encadeamento*, as ações são organizadas simetricamente e delimitam-se em quatro tipos: sucessão, paralelismo, simetria e encaixe. Na sucessão, as sequências acontecem linearmente e de forma subsequente, mas ambas constroem seus motivos. No paralelismo, as sequências são conduzidas por um actante agente distinto e apresentam-se independentes uma a outra. Já na simetria as duas sequências também são movidas por actantes distintos e apresentam-se de modo que a ação positiva de uma (melhoramento) cause o desempenho negativo da outra (degradação). No encaixe há uma série de microssequências incluídas em uma mais ampla para especificar alguns aspectos da sequência. No princípio da localização os acontecimentos ocorrem levando em consideração o espaço e o tempo, além da localização da sequência, da caracterização dos actantes, e a situação da sequência no tempo. A estrutura

narrativa pode ser observada em diferentes materiais, tais como filme, teatro, dentre outros.

A cronologia na narrativa pode apresentar-se de maneira contínua (em progressão ou inversão) ou descontínua (em expectativa ou alternância). Na cronologia contínua em progressão os fatos são comandados por um mesmo actante e as ações se encadeiam de forma progressiva em causa e consequência sem que sejam interrompidas. Já na cronologia contínua em inversão, os fatos ocorrem de maneira que a ação final é resultado de um fato narrado no início. Quanto à cronologia descontínua em expectativa, ocorre quando há uma interrupção do fato narrado para descrever aquilo que acabara de ser dito na sequência narrativa, gerando assim, uma expectativa.

Na cronologia descontínua em alternância, também ocorre uma interrupção do fato narrado, sendo essa sequência importante ou não na narrativa. Quanto ao ritmo na narrativa, eles seguem também ao princípio do encadeamento. No decorrer da narrativa o ritmo pode se desenrolar de forma rápida ou lentamente e, por vezes, de forma condensada ou de forma alongada.

Na condensação, as ações são breves quando a narrativa flui de forma condensada, limpa. Na expansão, o ritmo narrado é colocado em pausa para ser dado espaço a uma sequência de descrição breve, com o intuito de provocar efeito de cena. No que se refere à localização espaço/tempo, tem-se a situação (passado, presente), localização (fechado/aberto, deslocamento/fixação).

A encenação narrativa, por sua vez, possui, além do dispositivo narrado, um espaço externo e outro interno ao texto, além de quatro sujeitos ligados ao dispositivo da encenação narrativa, que se organizam forma não simétrica, mas ambos ligados igualmente dentro de um espaço, podendo estar presentes explicita ou implicitamente.

Para finalizar nossa abordagem teórica, discorreremos, a seguir, sobre a Análise do Discurso Literário (ADL).

1.2 A Análise do Discurso Literário (ADL)

Como uma subdivisão da análise do discurso, a Análise do Discurso Literário ADL, é uma disciplina que tem como principal teórico o linguista contemporâneo

Dominique Maingueneau, estando ainda em construção e estruturação. A ADL teve início nos anos de 1990 e tem relação direta com a filologia.

Tal disciplina propõe-se, no âmbito da linguagem, à aplicação de adequadas ferramentas discursivas ao texto literário para possibilitar uma assimilação ampliada dos sentidos advindos de produções inseridas na área da literatura. A linguagem literária, como forma de expressão, compõe a criação artística e não por isso deve ser vista como um mecanismo ingênuo, neutro, nulo, pois exerce poder, representação e significado que são observados pela ADL no intuito de alargar os horizontes sobre o fato literário. (ASSUNÇÃO, 2018, p. 18).

Ao utilizar instrumentos discursivos específicos a ADL permite que o texto literário seja amplamente verificado e, mesmo a literatura tendo uma linguagem própria, livre, o uso do instrumental teórico da ADL permite desvelar a produção de sentidos numa obra literária de forma mais eficaz e abrangente. O texto literário abriga uma infinidade de posicionamentos ideológicos. A ADL propõe-se, portanto, a explicar como esse texto significa e que efeitos de sentido pode produzir nos leitores, conforme explicitam Moura *et al*, 2018:

Passamos a olhar o texto literário não apenas como uma porção de escrita que possui este ou aquele estilo, encaixando-se na escola X ou Y, mas como uma produção de sentido capaz de provocar adesões e determinar comportamentos através da construção ou desconstrução de imagens, da sensibilização do auditório (leitores), da organização da lógica narrativa e da formulação de imaginários sociodiscursivos. (MOURA *et al*, 2018, p. 146).

O discurso literário não se encontra parado no tempo, ou seja, está em constante movimento. Para Maingueneau (2018, p. 9), a expressão “discurso literário” “é um rótulo que não designa uma unidade estável, mas permite agrupar um conjunto de fenômenos que são parte de épocas e sociedades muito diversas entre si”. A análise do discurso literário tem relação direta com a filologia. A presença da filologia na literatura teve seu marco no fim do século XIX, com a constituição da chamada história literária. Nessa época, a Filologia já não possuía um conceito fechado e variava entre uma definição estrita e ampla. De acordo com Moura e Assunção (2017, 2018), a definição “estrita” é a forma mais prática e técnica, relacionada às análises dos documentos escritos: as datas, a autenticidade, sua classificação, etc. Já a “ampla” é, ao contrário da “estrita”, uma disciplina que está mais envolvida subjetivamente e idealista. A filologia tem a função de analisar, traduzir textos antigos

e literários observando seus aspectos históricos. Posteriormente ela passa a se aproximar mais da literatura e da história.

Na perspectiva da estilística orgânica, uma obra literária implica muito além daquilo que apresenta em seu texto. Tal perspectiva teórica enfatiza a existência de componentes que unem o autor à sua época e ao próprio contexto de sua vida. Evidenciando na obra que escreve sua própria visão de mundo, ou seja, suas ideologias, suas vivências, enfim, todo o conjunto que envolve a contemporaneidade na qual está inserido. Para Maingueneau (2018, p. 19) “o espírito do autor exprime o espírito de sua época”. Ele também deixa claro que:

Cada obra constitui um universo fechado, incomensurável em relação ao outro, no qual se processa uma dupla reconciliação: entre consciência do autor e o mundo, mas também entre a extrema subjetividade do autor e sua época, seu povo, sua civilização (MAINGUENEAU, 2018, p.19).

Outra questão importante discutida por esse linguista é a abordagem marxista na literatura. Para ele, tal procedimento permite desvelar a ideologia contida no texto, permitindo evidenciar aspectos sociais e políticos, algo impensável dentro do estruturalismo literário. Neste, o estudo literário é imanente, fechado, deixando em segundo plano a ligação do autor com os aspectos sociais. O texto literário é um ato enunciativo que contém elementos discursivos passíveis de análise. Dessa forma, a ADL usa de suas ferramentas próprias para analisá-lo. Essas ferramentas permitem que o analista faça uma espécie de varredura dentro do texto e garantem uma análise que engloba não apenas os aspectos internos ao texto, mas todo o seu conjunto de significados.

Por ser um ato comunicativo, o texto literário é composto por diferentes aspectos que vão desde questões sociais e culturais até conteúdos emocionais, provocando uma interação com o meio externo. Dessa forma, a literatura como ato discursivo está, conseqüentemente, formulando sentidos. Dentro da ADL, a noção de discurso não está ligada a um sentido fechado ou uma definição única. Em sua essência, envolve muito além disso:

A partir do momento em que não se podem separar a instituição literária e a enunciação que configura um mundo, o discurso não se encerra na interioridade de uma intenção, sendo em vez disso força de consolidação, vetor de um posicionamento, construção progressiva, através do intertexto,

de certa identidade enunciativa e de um movimento de legitimação do espaço próprio de sua enunciação. Há, portanto, um distanciamento com relação ao universo estético aberto pelo romantismo em que o centro, direta ou indiretamente, era a individualidade criadora. (MAINGUENEAU, 2018, p.43).

Pode-se dizer que o texto literário em sua produção segue uma ordem que se envolvem linearmente a vontade de seu escritor em se manifestar, usando de suas ideologias para fazê-lo através de um texto que, independente de qual seja o suporte, servirá como meio de comunicação entre autor e seu público alvo.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa configura-se como básica quanto à finalidade, uma vez que se propõe a aprofundar-se acerca do discurso literário de uma obra já bastante estudada. No tocante à abordagem, pode ser caracterizada como qualitativa, tendo em vista que analisa os fenômenos atribuindo-lhes interpretações de natureza subjetiva, dispensando técnicas e métodos estatísticos. Quanto aos objetivos, podemos considerá-la como descritiva, visto que pretende esclarecer ao máximo um assunto já conhecido. Por fim, quanto aos procedimentos de coleta de dados, apresenta-se como bibliográfica pois tem como corpus uma obra literária.

A escolha de uma obra como *Todos os nomes*, de José Saramago, denota, além da relevância acadêmica, uma relevância social, visto que o autor, além de ser um grande escritor foi uma grande personalidade no cenário literário português. Atuou em diversas áreas, foi jornalista, cronista, dramaturgo, dentre outros, teve também uma atuação marcante no cenário político português. Como autor, José Saramago é um dos mais importantes e premiados da literatura contemporânea portuguesa, ganhador de diversos prêmios dentre os quais o prêmio Camões e o prêmio Nobel de Literatura em 1998. A obra *Todos os nomes*, foi publicada em 1997.

Para efeito deste artigo, mostraremos um recorte com foco no modo de organização do discurso narrativo. A pesquisa teve início com uma releitura criteriosa da obra a partir da qual foram identificados e retirados todos os dados relevantes, levando em conta, também, o contexto em que a obra foi escrita, bem como a própria biografia do autor. Esse levantamento da vida e obra do autor permitiu que as possibilidades de análise fossem ampliadas e não se resumissem apenas numa

simples interpretação literária imanente. Identificados os fenômenos propostos, passamos para etapa seguinte, a análise propriamente dita, através da qual desvelamos a organização narrativa da obra.

3 AS CIRCUNSTÂNCIAS DO DISCURSO: CARACTERIZANDO A OBRA

Todos os nomes, é o título de uma das obras do escritor português José Saramago, publicada em 1997, um ano antes de seu autor ganhar o prêmio Nobel de Literatura, tornando-se o único autor de língua portuguesa a receber tal honraria. Apesar de sua importância, *Todos os nomes* não é uma das obras mais conhecidas do autor. Dois anos antes de seu lançamento, Saramago publicava *Ensaio sobre a cegueira*, considerado um clássico pela crítica literária do mundo inteiro.

A obra tem como personagem principal um homem identificado na narrativa apenas como “Sr. José”, um modesto auxiliar de escrita na Conservatória Geral do Registro Civil que reside numa casa geminada ao seu local de trabalho. Tamanha é a ligação entre os dois espaços que existe uma porta ligando sua casa à Conservatória. Apesar de toda essa facilidade de acesso, não lhe é permitida a utilização dessa passagem, sendo necessário que dê a volta no quarteirão todos os dias para adentrar seu local de trabalho.

Sr. José é um homem de 50 anos, tímido, sozinho, que vive uma vida pacata. Para passar o tempo ele cultiva o hábito de colecionar recortes sobre a vida de pessoas famosas. Apesar de ser um hábito simples, ele toma todos os cuidados para que ninguém o descubra. Certo dia, decide que seria interessante incrementar sua coleção com detalhes sobre data de nascimento, por exemplo. E assim o faz. Leva em torno de duas semanas para concluir a coleta de dados daqueles que considerava mais importantes, ou, os mais famosos, cem ao todo.

Para procurar tais dados, o personagem passa por cima de todos os seus pudores de homem honesto e recatado e passa a entrar na Conservatória pela “porta proibida”. Ao cometer tais infrações, antes inimagináveis, ele passa a sentir prazer e euforia por conta de toda a tensão que tal ação causa a ele. Isso porque, a partir desse momento, ele passa a experimentar a sensação de estar vivo, quebrando a monotonia na qual estava mergulhado. Mas a tensão e a aventura começam mesmo na vida do

personagem quando ele, ao procurar nos registros da conservatória, os dados dos famosos da sua coleção, encontra, sem querer, um verbete incompleto de uma pessoa desconhecida.

Tal verbete pertence a uma mulher de 36 anos sobre a qual constam apenas dois averbamentos: um de casamento e um de divórcio. Sr. José passa, então, a buscar todas as demais informações sobre a mulher misteriosa, por quem passa a nutrir uma paixão. Tendo em mãos todos os dados das pessoas de sua coleção, ele se vê desafiado e intrigado ao ter nas mãos o verbete de alguém sem quase nenhuma informação. A partir daí ele passa a infringir mais ainda as regras da Conservatória Geral, bem como de outros lugares que ele agora percorre em busca das tão desejadas informações. De homem pacato e medíocre, o Sr. José passa a ser um investigador cauteloso e astuto. Chega a usar de sua habilidade como auxiliar de escrita na Conservatória para redigir um documento em nome de tal órgão, permitindo seu acesso a residências para coleta de informações. Em sua busca frenética, invade, durante a noite, a escola onde a mulher desconhecida estudou, na esperança de encontrar alguma pista de seu paradeiro. Algum tempo depois, descobre que, além de estudar, a mulher desconhecida foi professora de matemática nessa escola.

Uma característica marcante na obra retoma o próprio título, *Todos os nomes*, isso porque nenhum personagem da história possui nome, apenas o personagem central, Sr. José. Essa característica encontra-se evidenciada quando outros personagens são citados: “a senhora dos res no chão”, “a mulher do marido ciumento”, “o pastor de ovelhas”, “o conservador”, “o diretor da escola” e a própria “mulher desconhecida”. Embora não haja muitos diálogos entre os personagens, observa-se uma enunciação monológica constante na qual o Sr. José conversa consigo mesmo, sendo que, em alguns momentos, personifica objetos para tal. O teto do seu quarto, por exemplo, transforma-se, constantemente, em confidente e fiel conselheiro.

Dos poucos, mas marcantes diálogos com os demais personagens, destacamos as conversas com a senhora do res no chão e com o pastor de ovelha, além dos embates com o conservador que tem papel importante no final da trama. Após muitas conversas com a senhora dos res no chão, por exemplo, o Sr. José descobre ser ela a madrinha da mulher desconhecida.

O pastor de ovelhas, por sua vez, oferece ao Sr. José a informação mais importante e dolorosa de todas: a localização do túmulo da mulher desconhecida. A partir daí vem a descoberta fatídica de que ela havia se suicidado. Até mesmo a localização da sepultura transforma-se numa empreitada embaraçosa, tendo em vista que o pastor de ovelhas revela a troca de todos os números dos túmulos, tornando praticamente impossível descobrir em qual jazigo a mulher estaria enterrada.

Já o conservador geral apresenta-se como o grande chefe e aquele que detém todo o poder na Conservatória, destacando-se sua superioridade hierárquica em relação ao Sr. José. Ainda assim, ao tomar conhecimento da história, age de forma inesperada, concedendo ao agora detetive alguns privilégios, como, por exemplo, dias de folga. Outra característica da obra é a referência à mitologia grega. Na mitologia, Teseu, ao entrar no labirinto, recebe de Ariadne um novelo para que marque seu percurso e encontre o caminho de volta. O labirinto, em *Todos os nomes*, é a própria Conservatória, conforme a narrativa. O fio de Ariadne, mencionado na obra, nada mais é do que uma corda guardada pelo conservador em sua gaveta. Esse instrumento é usado por aqueles que necessitam adentrar os corredores labirínticos da repartição, evitando, assim, que se percam no seu interior, como ocorreu com um dos visitantes.

O final da história é um tanto quanto misterioso, visto que o autor deixa margens a algumas interpretações. Uma delas sugere que há um início de uma nova busca, ou, a continuação da mesma, com elementos extras. Ao descobrir tudo o que o Sr. José fez por causa de sua busca, o conservador age de forma inesperada, pois, mesmo com todos os delitos cometidos pelo personagem, decide não apenas não o punir, como também ajudá-lo a continuar sua busca, implementando novos elementos à história. No exato momento em que o Conservador decide não punir seu funcionário, sugere que o mesmo destrua o certificado de óbito da mulher desconhecida quando o encontrar, tornando-se cúmplice. No final da história encontra-se a incógnita, pois se tem o Sr. José em nova busca, estando ainda na mesma.

3.1 A lógica e a encenação narrativa

A maneira como a narrativa se desenvolve em *Todos os nomes*, é levada de forma diferenciada, pelo fato de ser escrita utilizando uma maneira própria do autor,

que busca com suas histórias não apenas dar respostas, mas fazer com que o leitor as busque através de suas próprias indagações. Por ter um estilo peculiar de escrita, essa narrativa, em certos momentos, se torna lenta e confusa, visto que os parágrafos são bem extensos e não há pontuação. A encenação narrativa é constituída a partir da interação entre quatro sujeitos que atuam como parceiros e protagonistas. Nesse caso tem-se Saramago indivíduo, ser social como o autor que se utiliza de um narrador contador (ele mesmo) *ser de papel*, para contar uma história dita como ficção, direcionada a um possível leitor destinatário imaginário, chegando, por fim, ao leitor real, um indivíduo que lê e interpreta o enredo de *Todos os nomes*. Essa encenação constrói-se quando seu *autor-escritor* José Saramago cria uma história sobre um homem solitário que coleciona recortes de pessoas famosas com a intenção de que a mesma seja consumida por um possível leitor com competências de leitura, ou seja, um leitor imaginário. Encontram-se aqui dois sujeitos: um autor real e um leitor possível.

Como dito antes, *Todos os nomes*, é contada por um narrador contador. Este, por sua vez, tem a função de organizar os fatos vividos pelo personagem Sr. José, convocando assim, um leitor destinatário para assimilar tais fatos como uma história fictícia sem a necessidade de comprovação. Com isso, complementam-se os outros sujeitos da encenação: o narrador-contador e o leitor destinatário. A encenação como um todo vai se construindo também através da própria história do Sr. José, narrada por um contador que está sempre atento, presente, observando. Mesmo sem fazer parte da história, observa sem interferir. O exemplo abaixo ilustra um fato em que o narrador conta algo, fazendo, assim, seu papel de contador da história em questão:

Alegando razões particulares de irresistível força maior, mas que pedia licença para não explicar, recordando em todo o caso que em vinte cinco anos de cumprimento e sempre pontual serviço era esta a primeira vez que o fazia, o Sr. José solicitou autorização para sair uma hora mais cedo.(SARAMAGO, 1997, p.51).

O fato de o narrador contador não estar presente na história não significa que ele não apareça no texto, mesmo que implicitamente, ou explicitamente através de pronomes pessoais. Como podemos observar em: “... *se persistíssemos em afirmar que as nossas decisões somos nós que as tomamos, então teríamos de principiar por dilucidar, por discernir, por distinguir, quem é, em nós...*” (SARAMAGO, 1997, p.42).

Isso mostra que o narrador é totalmente ausente apenas como personagem, mas está implicado em determinados trechos da narrativa. Já o autor-escritor José Saramago, deixa marcas discursivas que remetem a si próprio e às suas ideologias, evidenciadas em trechos nos quais o narrador contador está imerso. Já o universo contado em *Todos os nomes* gira em torno da história de Sr. José, personagem principal que tem sua vida transformada quando se apaixona por uma mulher desconhecida, tendo como únicas informações a respeito dela a idade e dois averbamentos: um de casamento e outro de divórcio. Para encontrar esta mulher, o Sr. José passa a adotar uma personalidade jamais imaginada por ele. A história tem um aspecto ficcional, mas, por se tratar de uma narrativa romanesca em certos momentos pode haver traços discursivos da realidade da vida de seu autor/criador.

Na sucessão de acontecimentos, o personagem Sr. José assume vários papéis narrativos, ocupando o lugar de diferentes actantes, ou seja, dentro do mesmo personagem ele acaba adquirindo personalidades que variam de acordo com as ações que ele pratica. No início, o personagem se mostra como um funcionário exemplar, nunca tendo faltado ao trabalho, cumprindo suas obrigações sem erros, mas, aos poucos, sua personalidade vai mudando e ele passa a agir de maneira inconsequente, chegando a cometer crimes. No trecho abaixo é possível verificar o estado de euforia e tensão do Sr. José ao perceber que pode ser descoberto:

E se vem alguém, e se me apanham neste estado, queria dizer nu, chamariam a polícia, pôr-lhe-iam algemas, perguntar-lhe-iam o nome, a idade e a profissão, primeiro viria o director do colégio, depois aparecia o chefe da Conservatória Geral, e entre os dois olhá-lo-iam com severa condenação, Que faz aqui, perguntariam, e ele não teria voz para responder, não poderia explicar-lhes que andava à procura duma mulher desconhecida (SARAMAGO, 1997, p. 100).

A lógica narrativa constrói-se através das ações do Sr. José diante do desejo que o controla. Tudo o que ele faz, as regras que passa a desobedecer e os crimes que passa a cometer são regidos por uma intenção, um motivo. A construção da lógica narrativa em *Todos os nomes* é feita principalmente pelo actante Sr. José como personagem principal. Ele, através de suas ações, une-se aos demais actantes da narrativa em uma sequência de processos que se desenrolam no percurso da trama.

O actante, Sr. José, como dito antes, assume diversos papéis narrativos e se mostra de diferentes formas na história.

Na obra analisada, os procedimentos de configuração da lógica narrativa são regidos por uma agente voluntário. Nesse caso, o personagem Sr. José age conscientemente, movido por uma intenção, em uma sequência de ações, sendo essas ações manipuladas por ele próprio. Ao apresentar o Sr. José como personagem principal, Saramago atribui ao mesmo um papel instável: ora apresenta-se como homem íntegro, metódico e cumpridor de obrigações, ora mostra-se audacioso, arriscando-se ao cometer pequenos delitos que poderiam torná-lo um criminoso.

Em relação à cronologia, *Todos os nomes*, segue em progressão de maneira contínua e o ritmo é expansivo. Tem-se a progressão contínua pelo fato de a história seguir uma ordem que começa na Conservatória Geral, com a identificação do personagem principal (suas características físicas, psicológicas e sociais) e o desenrolar de suas ações sem que haja interrupções na história. Essa cronologia faz com que as ações dos actantes sejam progressivas dentro da narrativa. O trecho abaixo ilustra bem esse aspecto:

O senhor José está quase a sair do corredor, uns passos mais e ficará a salvo de novo assalto da pedra do pesadelo, o cordel agora resistiu um pouco, mas é bom sinal, significa que está preso, rente ao chão, na esquina da passagem que leva ao arquivo dos vivos. (SARAMAGO, 1997, p.178).

O ritmo expansivo se explica pelo fato de a narrativa ter, em diversos momentos, uma descrição detalhada dos ambientes em que ocorrem as cenas, fazendo com que o espaço narrado fique mais completo e o leitor se sinta dentro do ambiente da história. Isso é perceptível na descrição da Conservatória Geral do Registro Civil, um dos cenários principais em *Todos os nomes*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *Todos os nomes* nos mostrou que seu autor, José Saramago, utiliza a ficção para recriar espaços e histórias pertencentes a muitos cidadãos comuns. As vivências do Sr. José, apesar de estarem inseridas no meio ficcional, evidenciam diversos elementos da vida real. A obra denuncia, por exemplo, a forma

como a classe trabalhadora é desvalorizada, com jornadas de trabalho extenuantes, ganhando pouco, além de não ter direito a voz. Por outro lado, mostra a relação das pessoas com o mistério da morte e como o tabu sobre o assunto perdura como um tema recorrente nos romances de Saramago. Porém, a narrativa tem um foco na vida solitária do personagem, trazendo à tona um tema bastante recorrente na sociedade, ao longo dos tempos. O Sr. José nos mostra isso ao desencadear uma paixão por uma desconhecida, apenas para preencher um vazio provocado por sua solidão.

Em nossa análise percebemos que *Todos os nomes*, apresenta uma narrativa densa, pois Saramago utiliza-se de uma maneira diferenciada na forma de escrever seus romances. A narrativa se constrói através das ações do personagem principal e é contada por um narrador que observa sem interferir, um narrador contador. A partir disso, percebe-se que a encenação narrativa é feita com a interação de quatro sujeitos parceiros e protagonistas: o autor/escritor, José Saramago que também atua como narrador/contador, além dos leitores destinatário e real, que são o público idealizado e o público real. A construção da lógica narrativa é feita pelo actante Sr. José como personagem principal, porém, o mesmo actante acaba por assumir diversos papéis narrativos no decorrer dos fatos.

Identificamos que a cronologia segue em progressão de maneira contínua com ritmo expansivo. Encontra-se em progressão contínua pelo fato de a história seguir uma ordem que começa na Conservatória Geral, com a identificação do personagem principal (suas características físicas, psicológicas e sociais) e segue fazendo com que o desenrolar das ações aconteça sem que haja interrupções na história. Concluimos que o desvelamento da lógica e da encenação narrativa da obra permitem uma compreensão mais abalizada da mesma.

De maneira geral, percebemos que as vivências do autor/escritor José Saramago estão refletidas na obra e que ele utiliza amplamente as possibilidades do discurso literário com a intenção de provocar questionamentos em seu leitor, usando para isso histórias fictícias que, na realidade, abordam temas bastante corriqueiros na sociedade contemporânea. A análise de *Todos os nomes* a partir de um viés linguístico-discursivo, nos permitiu observar, a partir de um olhar privilegiado, a forma como o discurso narrativo de Saramago se organiza, a partir de um enfoque exógeno, com a presença de actantes, processos e sequências.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2016.

ASSUNÇÃO, Érica Patrícia Barros de. **A paratopia criadora e o ethos de Abdias Neves**: análise do discurso literário de um autor marginal em *Um manicaca*. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFPI, Teresina – PI, 2018.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso, In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.) **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2009.

CORRÊA-ROSADO, Leonardo Coelho. Teoria Semiolinguística: alguns pressupostos. In: **Revista memento**, V. 5, n.2, julho-dezembro de 2014. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/1826> Acesso em 06 out. 2019.

GOMES, Carolina de Aquino. **Humor e Morte**: aspectos do insólito n'As intermitências da morte de José Saramago. Tese. (Doutorado em Literatura). UFC, Fortaleza-CE, 2020.

LOPES, Maraisa; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; MOURA, João Benvindo de. (Orgs.). **Linguagem, discurso e produção de sentidos**. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

LOPES, João Marques. **Saramago – Biografia**. – São Paulo: Leya, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. tradutor Adail Sobral. – 2. Ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.

MOURA, João Benvindo de; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; LOPES, Maraisa (Orgs.). **Discurso, memória e inclusão social**. Recife: Pipa Comunicação, 2015.

MOURA, João Benvindo de; ASSUNÇÃO, Érica Patrícia Barros. O paradoxo do autor: a paratopia criadora de Mário de Andrade no discurso literário de Macunaíma. **Revista Desenredo** (PPGL/UPF), v. 13, p. 166-186, 2017. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/6821> Acesso em 06 out. 2019.

MOURA, João Benvindo de; ASSUNÇÃO, Érica Patrícia Barros. A construção de sentidos no discurso literário: a paratopia numa perspectiva de interface. **Letras em**

Revista (PPGL/UESPI), v. 8, p. 437-450, 2018. Disponível em:
<https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/41> Acesso em 06 out. 2019.

PEREIRA, Maria Luiza Scher; LACERDA, Wagner. **Literatura e Política na ficção de José Saramago**. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências. USP – São Paulo. 2008.

QUEIROZ, Marília Mesquita. **O ethos byroniano nas cartas a Catherine Gordon: uma análise semiolinguística do discurso de Lorde Byron**. Dissertação (Mestrado em Letras), UFPI, Teresina-PI, 2019.

SARAMAGO, José. **Todos os nomes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SANTANA, Renata; CORTEZ, Clarice Zamonaro. **O Labirinto em Todos os nomes, de José Saramago**. In: I Encontro de Diálogos Literários: Um olhar para além das fronteiras. ISBN- 978-85-88. Campo Mourão, PR. 2012.